


**Beatriz Martiniano**

**a transparência do vazio**  
uma instalação





Universidade do Grande Rio  
Professor José de Souza Herdy

Beatriz Martiniano de Sousa

**a transparência do vazio: uma instalação**

Trabalho de conclusão de curso apresentado  
à Escola de Ciência e Tecnologia da  
Universidade do Grande Rio como requisito  
parcial à obtenção do grau de Bacharel em  
Arquitetura e Urbanismo sob a orientação  
da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rossana Brandão


DUQUE DE CAXIAS

2018

**Aos vazios que habitam.**

*“ Reunimos trinta raios e chamamos de roda;  
Mas é do espaço onde não há nada  
que a utilidade da roda depende.  
Giramos a argila para fazer um vaso;  
Mas é do espaço onde não há nada  
Que a utilidade do vaso depende.  
Perfuramos portas e janelas para fazer uma casa;  
e é desses espaços onde não há nada  
que a utilidade da casa depende.  
Portanto, da mesma forma que nos aproveitamos daquilo que é,  
Devemos reconhecer a utilidade do que não é. “*

*Lao-tzu “ Tao Te Ching “ Século VI a.C.*



Agradeço a tudo e a todas as pessoas que passaram por mim nestes últimos cinco anos, e que contribuíram para que nascesse em mim uma arquiteta e urbanista. Toda a rede de mimo e zelo que me ampara e fortalece, seja feita de mamãe, papai, irmã, irmãos, cachorros, vós, tias, tios, primos, primas, amigas, amigos, professores... Pessoas raras que admiro e amo tanto. Profunda gratidão aos que me deixam ser e são comigo.



## resumo

Este trabalho tem por objetivo analisar e questionar o uso e a importância que os espaços vazios tem nas cidades, considerando a densidade histórica e sensível que abrigam. Tendo como objeto da pesquisa a Praça do Pacificador, localizada na cidade de Duque de Caxias, RJ, foi realizada uma Instalação na mesma para pesquisar o vazio central presente no local. Esta intervenção evidenciou a necessidade de uma política pública de arquitetura e urbanismo que considere a importância de espaços vazios na cidade para acolher os sujeitos com as suas necessidades e sensações. E sinaliza que, na mesma proporção em que os vazios são minimizados e excluídos da atenção que o espaço urbano recebe como um todo, mais cheios do sentimento de despertencimento do território parecem ficar os sujeitos. Assim, esta análise possibilita a reflexão sobre a necessidade de se pensar e praticar um modo de arquitetura e urbanismo, preocupados em compreender o espaço em diálogo com a vida na sua dimensão poética, sensória, complexa e mutante, que compreenda os vazios em complementariedade ao cheio e reconheça a necessária existência de ambos, em proporção e diálogo.

**palavras-chave:** Vazio Urbano; Instalação; Praça do Pacificador; Duque de Caxias.

## abstract

This work aims to analyze and question the use and importance of empty spaces in cities, considering the historical and sensitive density they harbor. Having as the research object the Praça do Pacificador, located in the city of Duque de Caxias, RJ, an installation was exhibited, in order to investigate the central void present in the place. This intervention evidenced the need for a public policy of architecture and urbanism that considers the importance of empty spaces in the city to accommodate the subjects with their needs and sensations. And it indicates that, in the same proportion as the voids are minimized and excluded from the attention that the urban space receives as a whole, more awakened the territory seems to become. Thus, this analysis makes possible the reflection on the need to think and practice a mode of architecture and urbanism, concerned with understanding the space in touch with life in its poetic, sensory, complex and mutant dimension, that understands the voids in complementarity to its fullest, and recognize the necessary existence of both in proportion and dialogue.

**Keywords:** Empty Urban; Installation; Praça do Pacificador; Duque de Caxias

# sumário

<b>introdução</b>	<b>13</b>
-------------------	-----------

<b>as teorias que ajudam a perguntar</b>	<b>19</b>
--	-----------

<b>sobre o vazio</b>	<b>25</b>
----------------------	-----------

<i>vazios subjetivos: a memória</i>	31
-------------------------------------	----

<b>sobre instalações</b>	<b>37</b>
--------------------------	-----------

<i>a instalação no tempo</i>	39
------------------------------	----

<i>o tempo da instalação:</i>	42
-------------------------------	----

<b>área de intervenção – processo histórico</b>	<b>47</b>
---	-----------

<b>inspirações</b>	<b>65</b>
--------------------	-----------

<i>me conta um segredo?</i>	67
-----------------------------	----

<i>ex.vazio</i>	69
-----------------	----

<i>seu corpo da obra</i>	73
--------------------------	----

<i>o sagrado é amor</i>	74
-------------------------	----

<i>espelho do céu</i>	77
-----------------------	----

<b>a motivação</b>	<b>81</b>
--------------------	-----------

<i>MOVIMENTO, um acontecimento nos outros. e em mim.</i>	83
--	----

<i>o que/como foi?</i>	85
------------------------	----

<i>o que mais marcou?</i>	86
---------------------------	----

<i>o que você esperava e o que foi?</i>	89
---	----

<i>o que mais aconteceu, mudou, mexeu em você?</i>	90
--	----

<b>caminhando para a transparência do vazio...</b>	<b>95</b>
--	-----------

<i>o vazio da praça:</i>	97
--------------------------	----

<i>o vazio como espaço de memória:</i>	99
--	----

<i>a arte na função de acolher e revelar vazios:</i>	100
--	-----

<i>o vazio no inconsciente:</i>	102
---------------------------------	-----

<i>a instalação por dentro de mim, e além:</i>	102
--	-----

<i>o desafio de expor o vazio:</i>	104
------------------------------------	-----

<b>a transparência do vazio: uma instalação</b>	<b>107</b>
---	------------

<i>as informações:</i>	113
------------------------	-----

<i>as provocações:</i>	114
------------------------	-----

<i>a montagem:</i>	114
--------------------	-----

<i>as escolhas:</i>	115
---------------------	-----

<i>as percepções:</i>	118
-----------------------	-----

<b>a instalação no enquanto:</b>	
----------------------------------	--

<i>registro fotográfico da transparência no vazio</i>	123
---	-----


<b>considerações finais</b>	<b>137</b>
-----------------------------	------------

<i>para além da confirmação do vazio</i>	139
--	-----

<b>referências bibliográficas</b>	<b>143</b>
-----------------------------------	------------



**introdução**



Esta pesquisa nasce de um incômodo com o espaço urbano público, demasiadamente ocupado, preenchido, edificado, árido. Refiro-me ao espaço urbano da forma mais ampla possível, mas tomo por referência o centro de Duque de Caxias, cidade da Baixada Fluminense do Rio de Janeiro. É desse lugar que emerge o meu olhar e a minha fala; um território que conta com quase um milhão de habitantes nos seus 467,271 km<sup>2</sup> segundo IBGE - 2017, que reúne paisagens urbanas e rurais, e que apresenta entre os tantos e graves conflitos sociais, um descuido de longa duração com o espaço urbano comum. Esse descuido vai, aos poucos, desenhando uma paisagem reveladora de contrastes e desconfortos voltados para uma população ocupada demais em sobreviver, mas ainda assim se ocupando de resistir ao que se impõe e se constitui de invisibilidades.

Cursar a graduação de Arquitetura e urbanismo nos últimos cinco anos me confirmou o incômodo que eu já experimentava, e me motivou a perguntar pelos vazios desta cidade. Que, sensorialmente, toda vez que me vejo num espaço vazio, sinto que há mais espaço para estar em contato comigo mesma, há mais possibilidades de escolha, mais tempo disponível, mais reflexão e, quem sabe, mais questionamentos em trânsito.

Talvez porque as perguntas tenham tomado proporção no espaço de minha percepção, talvez por isso, eu tenha me voltado para a arquitetura na intenção de compreendê-la como um lugar de indagação, inquietude e deslocamento. Soará estranho, talvez, e mesmo desconfortável, inclusive para mim, voltar o olhar para o vazio quando tantos desejam, precisam e lutam para ocupar os espaços urbanos. Mas foi o vazio que escolhi como corpo deste estudo.


Como quadro teórico, a pesquisa conta com as importantes contribuições do filósofo Gaston Bachelard, do arquiteto, urbanista e designer Guto Requena e da arquiteta urbanista Fabíola do Valle Zonno, que me oferecem estrutura para pôr o vazio de pé, ao afirmarem uma arquitetura que está preocupada em compreender o espaço em diálogo com a vida na sua dimensão poética, sensória, complexa e mutante.

A metodologia escolhida para pesquisar o vazio foi uma Instalação na Praça do Pacificador, um espaço público urbano onde, diariamente, transita um incontável número de pessoas. Aquilo que a instalação possibilitou enxergar aponta para a necessidade de uma

política pública de arquitetura e urbanismo que considere a importância de espaços vazios para acolher os sujeitos com as suas necessidades e sensações. E sinaliza que, na mesma proporção em que os vazios são minimizados nos espaços públicos, mais cheios do sentimento de despertencimento do território parecem ficar os sujeitos.



**as teorias que ajudam a perguntar**



Não é fácil transformar incômodos em perguntas ou questões a serem consideradas. De alguma maneira, no campo do invisível, parece haver um investimento muito consistente no sentido de nos induzir a tratarmos os nossos incômodos como bobagens. Nesse sentido, o debate, o conhecimento, as leituras e vivências experimentadas no curso de arquitetura e urbanismo me ofertaram elementos e recursos para que eu pudesse olhar com seriedade para a questão dos vazios urbanos como espaços públicos a serem considerados e investidos.

Como corpo teórico, a pesquisa pôde contar com as importantes contribuições do filósofo Gaston Bachelard, do arquiteto, urbanista e designer Guto Requena e da arquiteta urbanista Fabíola do Valle Zonno, que tem se dedicado a um trabalho que afirma uma arquitetura preocupada em compreender e favorecer a existência de espaços em diálogo com a vida na sua dimensão poética, sensória, complexa e mutante.

Guto Requena desenvolve um trabalho voltado para a pesquisa e a prática representativa espacial da memória, cultura e poéticas narrativas no mundo da arquitetura, urbanismo e design. Seus trabalhos envolvem

diferentes escalas, desde a concepção de objetos, passando pela pesquisa sobre o habitar – casa – e chegando ao habitar – cidade. A experimentação de tecnologias digitais na captura das emoções e a busca por hibridar o mundo analógico e o digital, são temas recorrentes no seu trabalho desde a sua dissertação ‘Habitar Híbrido: Interatividade e Experiência na Era da Cibercultura’ (2007).


Gaston Bachelard, na obra *A Poética do Espaço* (1957), trata a casa a partir de seus cômodos como espaço de construção de memória e imagem poética. Uma fenomenologia do imaginário busca compreender o sentimento que envolve quem habita a casa, fazendo comparações com “desce até um porão ou sobe até um sótão”, como uma tentativa de localizar uma lembrança no tempo e de comunicá-la. Chamando a atenção sobre o fato de que “Mais urgente que a determinação das datas é, para o conhecimento da intimidade, a localização nos espaços de nossa intimidade”. (BACHELAR, 1957), Bachelard questiona a temporalidade, a lógica e o valor dos espaços de memória “Como os refúgios efêmeros e os abrigos ocasionais recebem às vezes, de nossos devaneios íntimos, valores que não têm qualquer base objetiva?” (BACHELAR,

1957). Espaços poéticos não respondem à lógica e sim à imprevisibilidade.

E Fabíola do Valle Zonno, em seu livro ‘Lugares Complexos, poéticas da complexidade: entre Arquitetura, Arte e Paisagem’ (2014), fruto de sua tese de doutorado, propõe a redefinição do lugar da arte/arquitetura no campo da cultura. “As “poéticas da complexidade” expõem o “lugar contemporâneo” através de um tipo de abordagem que considera a multiplicidade, a incerteza, a incompletude, a ambiguidade, a contradição e os fluxos em devir” (ZONNO, 2010). Na busca por entender os processos contemporâneos e a redefinição dos “limites” da arquitetura, Zonno utiliza o experimentalismo das artes como forma de questionar o formalismo, o funcionalismo e a representação da noção de estabilidade, fazendo uso de pontos em comum como: a apropriação de imagens, a abordagem conceitual da arte, a noção de processo e a problematização da autoria, a experiência fenomênica e espaçotemporal, a abertura ao acontecimento e a performance para explicitar o diálogo entre arquitetura – arte – paisagem.



**sobre o vazio**



O dicionário online DICIO define *vazio* como: substantivo masculino [figurado]; que não tem ocupantes; desocupado; sensação de incompletude, de insatisfação. Ou seja, o vazio estaria relacionado à falta e à sensação de incômodo. Mas o incômodo que o vazio me causa, e que - em mim - existe desde sempre, se traduz naquilo que não me deixa acomodar; o vazio me expande e me leva a intuir que as coisas precisam de espaço para ser, sentir, trocar. Lembro do poeta Manoel de Barros dizer que "As coisas não desejam mais ser olhadas por pessoas razoáveis. Elas desejam ser olhadas de azul..." Inspirada pelo poeta, olho e vejo o vazio como o respiro das coisas. E como o lugar delas no espaço. É pelos vazios que a gente anda. E eu sinto necessidade da presença do vazio nos caminhos, porque onde ele existe a vida parece autorizada a acontecer.

O filósofo e poeta francês Gaston Bachelard, em seu livro "a poética do espaço" de 1957, trata a casa a partir de seus cômodos como espaço de construção de memória e imagem poética, e diz que "entre o vazio e cheio, parece-nos haver uma perfeita correlação. Um não é inteligível sem o outro e, sobretudo, uma ação não se esclareceria sem a outra. Se nos recusam a intuição do





---

**O vazio me incomoda.** Autor desconhecido. Disponível em: <<https://br.pinterest.com/in/566468459358679959/>>. Acesso em: 18 maio 2018.

vazio, estamos no direito de recusar a intuição do cheio”. Provocada pela ideia de complementariedade que o autor apresenta, encaminho a minha busca por compreender o vazio, não em contraposição ao cheio, mas estabelecendo uma relação dialética com este.

Ao levarmos o conceito de vazio para o espaço urbano fazemos a *relação edificado x não edificado*. Porém, será preciso ressaltar os vazios presentes no espaço edificado e o planejamento do vazio enquanto espaço preenchido. Na cidade, habitam vários tipos e várias camadas de vazios, sendo classificados em *edificados* ou *não edificados*, planejados ou não. Os vazios edificados podem ser construções subutilizadas, públicas ou privadas; por exemplo, prédios abandonados. Já os vazios não edificados são terrenos ou espaços livres, podendo ser de domínio público ou privado.

Bruno Zevi, arquiteto e urbanista, em seu livro “saber ver a arquitetura” de 1948, diz que “A arquitetura não provém de um conjunto de larguras, comprimentos e alturas dos elementos construtivos que encerram o espaço, mas precisamente do vazio, do espaço encerrado, do espaço interior em que os homens andam e vivem”.

Zevi diz que o vazio é fundamental para que as pessoas se apropriem do espaço com o próprio corpo, vivendo-o. Que a arquitetura é feita de cascas que delimitam um espaço vazio para que ela possa acontecer. Na cidade, as construções, em suas fachadas, muros, limites, fariam o papel das cascas que geram o vazio. Esse vazio, o urbano, quando projetado, se torna rua, calçada, praça. Já quando surge por meio de sobras de edificações, não sendo planejado, pode criar espaços ociosos, inseguros e/ou inutilizáveis. A importância de se planejar o vazio, sobretudo no espaço urbano, constrói espaços para que a memória cotidiana e ancestral do local possa se acomodar. No entanto, ao se planejar o vazio público urbano será da maior importância pesquisar sobre o seu entorno e sobre os sujeitos que dele se servirão. Neste espaço, de acordo com Zevi, os corpos dos sujeitos experimentarão o vazio construído, enquanto também se fazem cascas para o contorno de outros vazios que se desenham de suas presenças ou ausências.

## vazios subjetivos: a memória

Preencher um espaço vai muito além de mobiliá-lo, assim como seu esvaziamento não consiste em deixá-lo sem elemento algum. O espaço continuará em quem passou por ele, e se estenderá naqueles que ainda passarão, como um sobrevivente e expectador ativo do que se vive. O espaço vazio é uma testemunha do tempo em suas camadas de memória que se sobrepõem, “é pelo espaço, é no espaço que encontramos os belos fósseis de duração concretizados por longas permanências. O inconsciente permanece nos locais. As lembranças são imóveis, tanto mais sólidas quanto bem mais espacializadas”. (BACHELARD, 1957, p. 29).

Entendo as lembranças que Bachelard traz como algo que é constituído por carga afetiva, no tempo. Nogueira contribui para esta reflexão com a sua definição de memória:

Rolland Barthes (1984) é quem diz que a linguagem é uma pele. Gosto dessa imagem e a tomo emprestada para dizer a memória. Então penso nesse tecido que nos preenche,

nos cobre e protege... A memória se arrepia, sente frio, calor, coceira, alergia, prazer... É preta, branca, parda, de todas as cores, e escolhe se mostrar em incontáveis tons! A memória esgarça, afina, engrossa, empelota, sucumbe e reage. Macia, áspera, pálida, jovem, envelhecida. Mas, assim como a pele, que mesmo rasgada, queimada, ferida, manchada, marcada, tatuada, doída, não deixa de ser pele; a memória também continua a ser memória, mesmo que carregue todas essas marcas. E outras. A memória arde, dói, sara, cicatriza. Enruga, intumesce, necrosa, morre, se refaz! Discursiva e afetiva, a memória é uma conversa que se dá em dimensões plurais de cada ser, na administração do que atravessa, do que espera, do que lateja. A percepção da memória como este tecido a nos transpassar, nos permite uma alusão a algo que se encontra exposto, em conexão com muitas camadas de exterior, ao mesmo tempo em que permanece ligado ao interior, conectando-se a camadas que se aprofundam. A experiência seria a dimensão pessoal da memória. Ao narrarmos a experiência, a memória entra em expansão e poderá ser com outras, coletiva. E assumir a proporção do cosmos. (NOGUEIRA, 2018, p.32)

Ao relacionar a memória com o maior órgão do corpo humano, aquele que protege e se expõe a toda sorte

de experiências, na mesma medida em que se aprofunda internamente em várias camadas, Nogueira a traduz como algo irremediavelmente constituinte dos sujeitos, e cotidianamente re-construído. A memória não é, ela está sendo. É volátil e tão influenciada pelos fatores externos e internos quanto uma instalação. A memória pertence a alguém, mas ao se relacionar afetivamente com outros, ela também passa a pertencer a muitos. Sendo de muitos, se dispõe no espaço e sofre interferências diretas daqueles que as narram e as lançam para mais e mais longe. O lugar de uma memória não é necessariamente o espaço em que foi gerada, pois como diz Bachelard (1957), “não somente nossas lembranças como também nossos esquecimentos estão ‘alojados’”. A memória comporta as lembranças e os esquecimentos em alternância consciente e ou inconsciente. Assim também, sendo coletiva ou não, a memória de um espaço está sujeita aos processos de esquecimento e de lembrança que o marcam.

No Brasil, há o investimento na construção de uma memória coletiva que não compreenda o espaço vazio como respiro, como fôlego para as cidades viverem o turbilhão de tantas vidas se tecendo no enquanto de



sua própria vida. Processos de tamponamento de rios ou aterros são marcas dessa forma de ver o espaço vazio como área a ser preenchida, como se esse processo de ocupação representasse evolução e desenvolvimento para o local, desconsiderando tudo que já o preenche e o faz ser o que é. Mobilizada por estas questões e à procura de meios que possibilitassem discutir e redimensionar o modo de enxergar os espaços vazios é que se dá o meu encontro com o conceito de instalação.







**sobre instalações**



## a instalação no tempo

---

### Merz Bau.

1981.

Disponível

em:

<[http://3.bp.blogspot.com/-v\\_mai1pzODE/UL-EHwvffvI/AAAAAAAAi8/D\\_iXx4-FZFE/s1600/merz3.jpg](http://3.bp.blogspot.com/-v_mai1pzODE/UL-EHwvffvI/AAAAAAAAi8/D_iXx4-FZFE/s1600/merz3.jpg)>.

Acesso em:

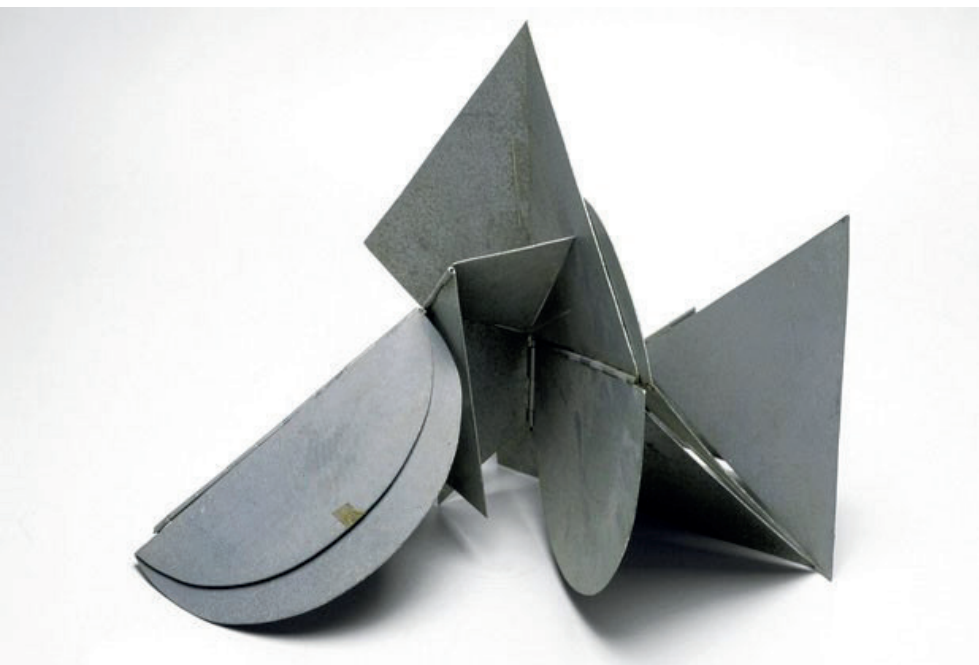
10 nov.

2018.

Instalação é um termo que foi incorporado às artes plásticas recentemente, considerando que a arte e sua história são tão antigas quanto o tempo. No início do século XX, no ano de 1923, foi feita a primeira instalação artística que se tem registro. A *"Merz Bau"*, obra do artista plástico e poeta alemão Kurt Schwitters, consistia em uma decoração de seu apartamento beirando o absurdo com malas com roupas presas na parede e a combinação de madeiras de diferentes tamanhos faziam parte da ornamentação do local. Durante a segunda guerra mundial a obra foi destruída em um ataque aéreo e mais tarde, em 1981, foi reconstruída por Peter Bissegger com o auxílio de Ernst Schwitters, filho de Kurt Schwitters.



No Brasil, artistas como Lygia Clark e Hélio Oiticica são referências na construção e disseminação do que se entende como instalação no país. Suas obras Os bichos e Parangolé, respectivamente, foram inovadoras e transgressoras ao buscar no envolvimento do espectador com a obra, a obra em si. Uma arte que deixa de ser contemplativa e passa a ser crítica, política, social, participativa.



---

CLARK. **Bicho**, 1960. Disponível em: <<https://casavogue.globo.com/MostrasExpos/noticia/2012/08/sp-ve-retrospectiva-de-lygia-clark.html>>. Acesso em: 10 nov. 2018

---

OITICICA. **Parangolé**, 1965. Disponível em: <[https://www.reddit.com/r/Art/comments/26gvca/parangole\\_helio\\_oiticica/](https://www.reddit.com/r/Art/comments/26gvca/parangole_helio_oiticica/)>. Acesso em: 10 nov. 2018.



Dentre as características marcantes de uma instalação, a desconstrução de espaços, conceitos e ideias são estruturantes no processo. O conceito é a essência da obra, pois essa modalidade nasce no contexto da Arte Conceitual. O tempo é uma questão no objetivo das instalações, pois o fato dela não existir em sua forma física, permanentemente, é o que a torna arte, espelhando o momento daquela sociedade.

## o tempo da instalação:

A instalação dialoga com o espaço antes de chegar às pessoas. Ela propõe algo extraordinário dentro do ordinário, atravessando o limiar da obra de arte x arquitetura e urbanismo. Quando a proposta é uma instalação, o espaço em que a mesma é inserida é indispensável, tanto no processo de criação quanto para a inserção dela no espaço. Inserida no espaço urbano, assume um papel (SURPRESA!) e dialoga com a imprevisibilidade do mesmo. O expectador não é sujeito passivo, receptor de informação, mas sim construtor e condutor dela.

O estranhamento causado pela imprevisibilidade da obra no espaço e a necessidade que a mesma carrega em mexer com os sentidos do público, seja de forma agradável ou não, faz das instalações incômodos. Como diz a arquiteta e urbanista Adriana Sansão:

Em uma atmosfera caracterizada pela indiferença e pela rotina, a ação crítica funcionaria como um elemento revitalizador, sendo atualmente encarada como tema de

interesse nas intervenções urbanas (Gausa et al., 2001), caracterizada pela vontade de interagir, ativar, produzir, expressar, mover e relacionar, agitando os espaços e as inércias, através de “acontecimentos” ou “eventos”.

(SANSÃO, 2012, p.34)

A importância de permitir que o inesperado aconteça e acolhê-lo em uma instalação pode impactar um tempo essencialmente efêmero que é instalado no espaço, desencadeando um processo mutável capaz de transformar o efêmero em algo temporário.

‘Mesmo após o término do uso temporário, o local da temporalidade permanece como uma tela de projeção sobre a qual podem ser feitas novas projeções’ (Temel, 2006, p. 60). Segundo Temel, o “temporário” está localizado entre o “efêmero” e o “provisório”. Enquanto o efêmero é algo que tem vida curta e que não pode ser estendido, o provisório começa com vida curta, mas muitas vezes acaba virando permanente, enquanto não se providencia algo de melhor qualidade. O temporário, por sua vez, seria algo que inicialmente tem a vida curta como o efêmero, mas que pode ser alongada como no provisório, embora sem ser um substituto precário de outra coisa. Sua limitação temporal permite coisas que

seriam impossíveis de serem concebidas para um longo prazo, apresentando-se como um campo aberto de possibilidades. (SANSÃO, 2012, p. 35)

A Instalação, enquanto poética artística, instiga o espaço e as pessoas a acessarem lugares e questões que não são acessados com frequência. A obra de arte contemporânea é volátil e capaz de construir e destruir certezas, conceitos, dúvidas e sensações.

Por ser um evento essencialmente efêmero, a permanência da instalação acontece somente na memória de quem a acolheu e/ou foi por ela acolhido, o que não impede que inúmeras conexões e significados sejam criados a partir da interação de cada pessoa com aquela obra que pode seguir reverberando na relação da instalação com a pessoa. Ocorre neste processo um movimento que permite o contínuo fazer e desfazer.

[...] formas de resistência à normatização dos padrões de comportamento público na cidade contemporânea, ao espetáculo e ao consumismo da cidade opulenta, trazendo à tona a dimensão subversiva da apropriação temporária. Chamo subversiva na medida em que desafia as regras vigentes, fazendo

com que questionemos aonde estas nos pretendem conduzir. E ademais, enquanto tática de conquista do espaço, a cidade ocasional revela sua dimensão ativa, seu impulso lúdico, sua capacidade de descobrir potencialidades, de recuperar lugares ou mesmo de “poetizar” no espaço urbano. A intervenção temporária tem essa capacidade de colocar o espaço em movimento [...] (SANSÃO, 2012, p. 33)

**área de intervenção – processo histórico**







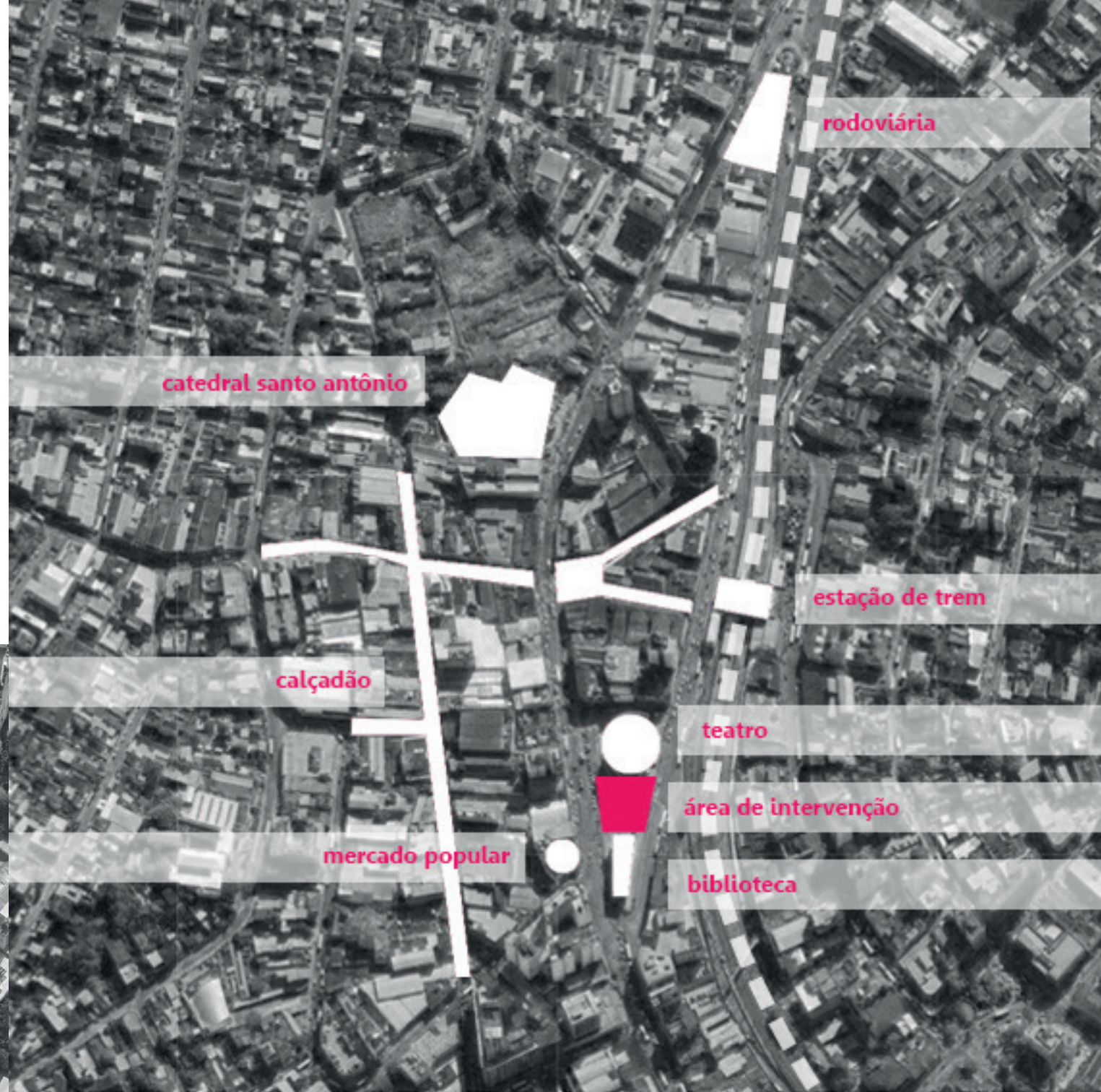
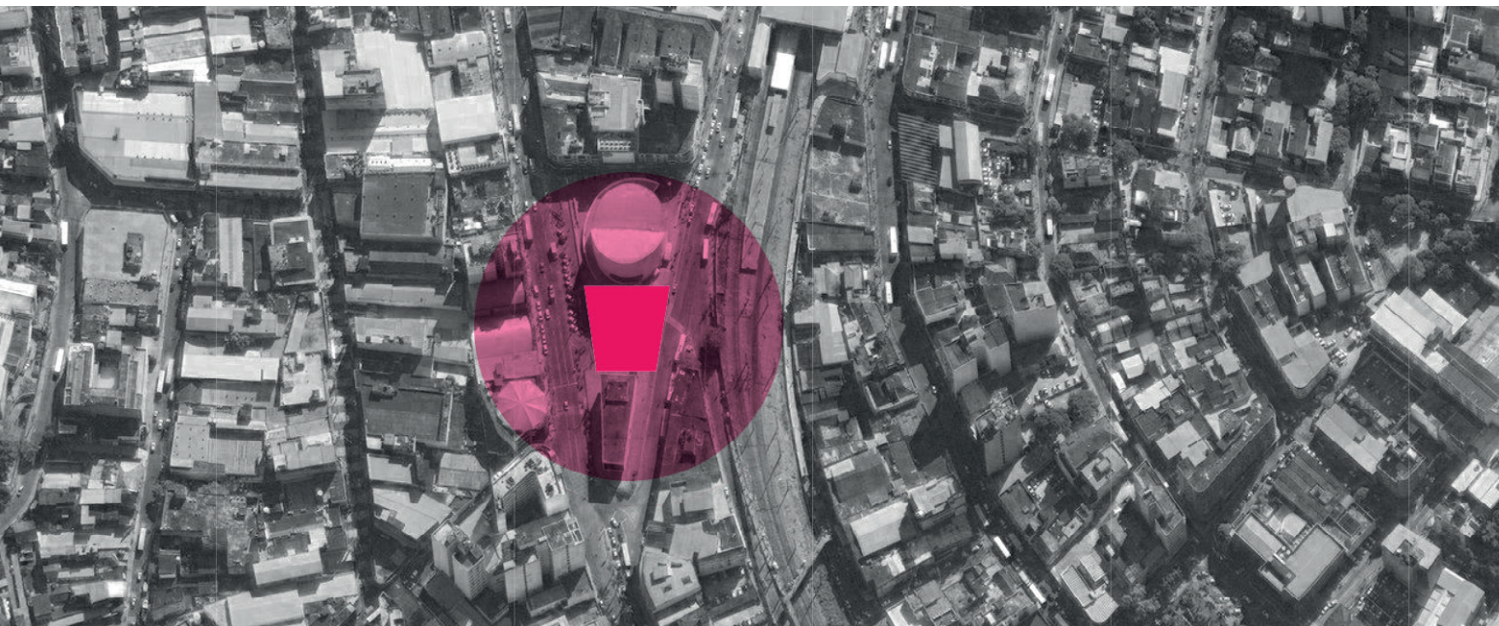
O espaço escolhido para a instalação do vazio foi a Praça do Pacificador, que está localizada no centro de Duque de Caxias, entre duas importantes avenidas: Avenida Presidente Kennedy e Avenida Dr. Plínio Casado. A praça recebeu este nome em homenagem a Luiz Alves de Lima e Silva, devido a sua participação no controle das revoltas populares ocorridas no período regencial. Atualmente, este espaço abriga o complexo arquitetônico Oscar Niemeyer (teatro e biblioteca), e se configura, sobretudo, como um ponto de passagem. O seu entorno conta com estação de trem, rodoviárias, escolas e o calçadão, tradicional ponto comercial da cidade.

---

Mapa de proximidades da área de intervenção.

---

Mapa aéreo de intervenção. Praça do Pacificador, Centro, Duque de Caxias, RJ







Mapa de fluxos da área de intervenção.

Ao longo do tempo, a praça passou por diversas transformações, acompanhando o que se entendia em cada época por evolução e avanço. Em 1927, foram iniciadas as obras para construir as primeiras estradas troncos do país: a Rio-São Paulo e a Rio-Petrópolis, que passava pela atual Praça do Pacificador. Os historiadores Alexandre Marques e Tania Amaro nos contam como foi:



Área da Praça do Pacificador.

1927. Autor desconhecido. Disponível em: <<http://verissimohoje.blogspot.com/2010/04/fotos-historicas-caxiasmeriti.html>>. Acesso em: 15 out. 2018.



A situação encontrada pelos construtores, com muitas áreas de manguezais e brejos, o que certamente dificultou as obras, foi observada por Rogério Torres da seguinte forma: 'A construção da Rio-Petrópolis foi muito difícil, principalmente na Baixada Fluminense, devido aos terrenos lodosos que exigiam consolidação através de demoradas obras de aterro e de fundações. Além de tudo, a malária, ainda endêmica na região, vitimou um grande número de trabalhadores, somando novas dificuldades às já existentes'. (MARQUES e AMARO, 2012)

Quando, em dezembro de 1943, Meriti se emancipa do município de Nova Iguaçu, o território passa a ser um município e a se chamar Duque de Caxias. Na época, a praça que era conhecida como Praça do Brejo ou Praça do Caranguejo, teve voltada para si uma das primeiras medidas políticas, determinando, logo em 1944, um aterramento de mais de 6 metros de altura.

Em 1953, no governo do Prefeito Braulino de Matos Reis (1952-1955) a praça recebeu seu atual nome: Praça do Pacificador. Na época sua configuração contava com jardins e árvores, e o busto de Luiz Alves de Lima e

Silva, o Duque de Caxias, de quem herdou o nome. Tem-se notícia de que:

A Praça, deveria funcionar como um cartão de visitas da cidade. Situando-se a poucos quilômetros do Rio Merity, limite da cidade do Rio de Janeiro, nesta época Distrito Federal, Duque de Caxias tornava-se passagem obrigatória para os que se dirigiam a região serrana, principalmente para Petrópolis. Esta cidade abrigava, na época, a residência oficial do presidente da república e de várias personalidades políticas nacionais. (MARQUES e AMARO, 2012)

A partir de dezembro de 1956, ainda no governo do Prefeito Braulino Correa, a praça passa a abrigar a Estação Rodoviária de Duque de Caxias, tornando o local uma referência ainda maior de movimento e ponto de encontro:

[...] por conta da proximidade com a estação ferroviária e a variedade de bares que colaboravam para a concentração de pessoas que se deslocavam para o centro do Rio de Janeiro e para a Zona da Leopoldina. Se, no início do dia, haviam muitos trabalhadores,

ao final da tarde eram os estudantes que nela se concentravam para embarcarem no trem em direção as escolas de Ramos, Bonsucesso e Olaria. (MARQUES e AMARO, 2012)



---

**Época em que a Praça do Pacificador abrigava a rodoviária de Duque de Caxias.**

1956. Autor desconhecido.  
Disponível em: <>  
Acesso em:  
10 out. 2018

No decorrer das *décadas de 60 e 70*, a Praça passou a ser local oficial dos desfiles de Sete de setembro, do carnaval e da Feira da Comunidade da Catedral de Santo Antônio. Como demonstração da sua importância para a formação da identidade cultural local, nela aconteciam várias manifestações culturais espontâneas como identificam os historiadores Marques e Amaro:

[...] grupos de capoeira, vendedores de ervas, os lambe-lambes, o comedor de espadas, o cuspidor de fogo, o domador de jararacas e jibóias e outros. Em horários mais avançados, por ela circulavam prostitutas e notívagos que tinham suas intenções facilitadas pela grande quantidade de bares e hotéis ao redor. Também era ponto de encontro de aposentados à procura de um carreado. Nos finais de semana, durante o dia, grupos de jovens e casais aproveitavam os cinemas no entorno da praça, o Paz e o Santa Rosa. (MARQUES e AMARO, 2012)

No *início dos anos 1980*, mandato do prefeito Hydekel de Freitas, a rodoviária foi demolida e a Praça foi reformada.

[...] uma estátua equestre em homenagem a Duque de Caxias, um chafariz e uma estátua em homenagem à primeira bica d'água, que havia sido instalada nos seus arredores no ano 1916, além de um trabalho de paisagismo com várias plantas e árvores [...] (MARQUES e AMARO, 2012)





---

**Estátua duque de caxias na Praça do Pacificador.** Autor desconhecido. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/fotografias/GEBIS%20-%20RJ/rj43813.jpg>> Acesso em: 10 out. 2018

---

Esta reforma se manteve até *meados dos anos 1990*, sem desprezar as características manifestações culturais presentes desde os anos 50.

---

**Vista aérea da Praça do Pacificador.** 1996. Autor desconhecido. Arquivo CEPERJ.

---

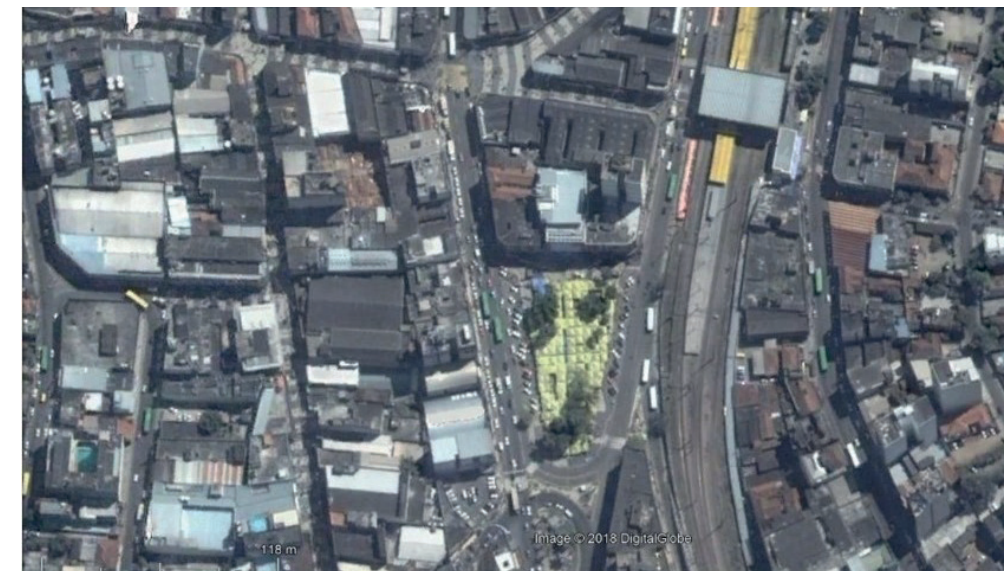


Pouco antes do Complexo Cultural Oscar Niemeyer ser inaugurado, durante o governo de José Camilo Zito dos Santos Filho (1998-2004), a Praça abrigou o camelódromo, conjunto de barracas dos vendedores informais, que, por ocupar toda a extensão da praça, tornava proibitiva qualquer outra manifestação cultural. Com a reforma da praça, foi construído do outro lado da rua um prédio intitulado de “Mercado Popular” para abrigar o camelódromo. Sua fachada está voltada para a Praça do Pacificador.

---

**Vista aérea da Praça do Pacificador.** 2003. Disponível em: <<https://earth.google.com/web/@-22.78848935,-43.3103854,7.39590505a,964.95525592d,35y,0h,0t,0r>>. Acesso em: 03 nov. 2018.

---





**Teatro Raul Cortez na Praça do Pacificador, Duque de Caxias RJ.** Foto: Taisa Magalhães, 2015 [Acervo Laboratório de Estudos do Espaço Teatral e Memória Urbana. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/18.205/6587>>. Acesso em: 04 nov. 2018



Em setembro de 2005, a Biblioteca Leonel de Moura Brizola passou a funcionar. Um ano depois, foi inaugurado o Teatro Raul Cortez. Os nomes das edificações se deram a partir de homenagens. O primeiro homenageia uma importante liderança política nacional, considerado como um dos políticos mais identificados com as causas populares, e o segundo homenageia um reconhecido ator que faleceu no ano da inauguração do teatro.

Nos anos que se sucederam (2006-2008) o desafio era fazer uma aproximação do público da Baixada Fluminense com os equipamentos culturais recém instalados, e transformar o olhar que as pessoas de fora tinham construído sobre a cidade de Duque de Caxias definindo-a como um lugar inseguro, violento e de abandono, para um olhar que reconhecesse a cidade como referência de um polo cultural com possibilidade de receber montagens e projetos de outros lugares.

O fato de Oscar Niemeyer ter projetado o complexo cultural para Duque de Caxias, e trazido o seu projeto e o seu nome para a história local, faz com que Duque de Caxias suba no patamar de importância social. Como se a partir deste projeto, a cidade pudesse ser vista

como digna de receber e comportar eventos culturais de uma outra escala e qualidade.

Segundo a arquiteta e urbanista Fabiola do Valle Zonno:

[...] a paisagem pode ser entendida como natureza, habitat, artefato, sistema, problema, riqueza, ideologia, história, lugar ou estética; é 'composta não só por aquilo que está à frente de nossos olhos, mas também por aquilo que se esconde em nossas mentes' (Meining, 2002:35). Ela agrega as dimensões física, humana e mental. (ZONNO, 2014. p.71)

Se todas as marcas que o espaço carrega consigo são tão importantes para o que é, para o que foi, ou para o que possa vir a ser; o que aquele espaço da praça simboliza hoje? Como acordar as memórias da praça no presente?



**inspirações**

### me conta um segredo?

“Me conta um segredo?” é uma instalação desenvolvida pelo arquiteto, urbanista e designer Guto Requena para a URBE- Mostra de Arte Pública 2016 no período de 12 a 27 de novembro com curadoria de Alessandra Marder, Felipe Brait e Reinaldo Botelho. Instalada na Praça Coronel Fernando Prestes no bairro do Bom Retiro em São Paulo, provoca os passantes a estarem na cidade e se dividirem com ela e outros.

Composta por uma cabine e cinco bancos de madeira interligados por um sistema de áudio e iluminação de led, a instalação convida as pessoas a entrarem na cabine que contém um telefone antigo e a pergunta “me conta um segredo?” e contarem, de maneira anônima, suas histórias. Tais segredos são armazenados num computador e transmitidos aos móveis, através de caixas de som em seu interior.

Por ser um bairro de imigrantes de diversos lugares do mundo Bom Retiro é por si uma síntese de misturas e encontros de culturas. Ao identificar os países





dos principais grupos de imigrantes e suas respectivas bandeiras, Requena traça a paleta de cores para o mobiliário urbano interativo tratando de forma simbólica as camadas que preenchem aquele lugar.

Segundo Romullo Baratto, em seu artigo para o site archdaily:

Ao anoitecer, os móveis se transformam em esculturas de luz, que vibram e mudam de cor em tons quentes conforme o volume do áudio varia. As luminárias de LED dentro

---

**Instalação “seu corpo da obra” em São Paulo.**

2011. Disponível em: <[www.google.com.br](http://www.google.com.br)>. Acesso em: 06 maio 2018.

dos móveis ampliam a experiência da obra para todo o entorno, criando uma paisagem onírica numa praça de poderes, que durante o período da Ditadura Militar no Brasil foi alvo de grande repressão e tortura. (BARATTO, 2016)

A obra vem no fluxo da pesquisa e inquietação trazido pelo Estúdio Guto Requena ao questionar o limite das artes, arquitetura, emoções, espaço, memória, pessoas, relações, tecnologia. Uma provocação ao preenchimento do espaço em suas diversas camadas.

**ex.vazio**

Uma parceria do Laboratório de Intervenções Temporárias e Urbanismo Tático (LabIT) do PROURB-FAU/UFRJ com o artista plástico Sergi Arbusà, do coletivo Penique Productions, gerou a instalação ex.vazio. Entre os dias 31 de agosto e 02 de setembro de 2018, na FAU/UFRJ, um inflável preencheu o mezanino do prédio da reitoria onde, antes do incêndio de outubro de 2016, funcionava a Biblioteca Lúcio



Costa.

Feita de plástico, fita adesiva e ar, a obra embrulhou o vazio do mezanino e provocou uma transformação de luz e escala no local. Sua montagem, feita pelos alunos da UFRJ, se deu a partir de oficinas ministradas pelo artista plástico Sergi Arbusà, em três dias: palestra, atividades em grupo e montagem setorizada das partes do inflável (piso,

---

**Instalação "ex. vazio" em Rio de Janeiro.** 2018. Do autor Acesso em: 06 maio 2018.



---

**Instalação "ex. vazio" em Rio de Janeiro.** 2018. Do autor Acesso em: 06 maio 2018.

paredes, teto). No último dia de montagem, o plástico começou a ser inflado e os últimos ajustes foram feitos, como a construção dos pilares e a distribuição uniforme do plástico nas superfícies.

A vivência e o tempo da instalação acabaram por ser afetados por outro incêndio, o do Museu Nacional, ocorrido na véspera da abertura da instalação, último dia de montagem. Os alunos foram liberados de suas aulas para que pudessem ir à manifestação que acontecia nas ruínas do museu. Foi nesse dia que visitei a instalação. Completamente deserta e preenchida pelo vazio, a bolha provocava inquietação e aconchego ao mesmo tempo e

nos fazia refletir sobre a importância e uso do espaço. Nos dias que se sucederam o cenário foi outro. Os visitantes se apropriaram do espaço de várias formas: lanchando, como ponto de encontro, lendo, tendo aulas, dormindo, dançando, tirando fotos e desenhando.

A seguinte provocação nos recebia e se instalava em nós:

O espaço que abrigava a Biblioteca Lucio Costa sofre uma degradação paulatina desde 2016. Nós acompanhamos esse processo, negligenciando sua potência arquitetônica. A intervenção surge para provocar a reflexão sobre a resignificação e reocupação desse lugar tão caro à comunidade da FAU-UFRJ. Essa ação efêmera revela um vazio que se preenche de ar. Como tornar esse espaço um ex-vazio? (EX.VAZIO, 2018)



---

### Instalação “seu corpo da obra”

em São Paulo.  
2011.<https://pinacoteca.org.br/programacao/olafur-eliasson-seu-corpo-da-obra/>> Acesso em: 23 nov. 2018

### seu corpo da obra

Criado pelo artista islandês-dinamarquês Olafur Eliasson, a instalação ‘Seu corpo da obra’ exposta em São Paulo, 2011, faz um convite ao visitante: experimentar o comportamento da luz, cor e reflexos, usando o espaço e relações de opostos como a noção de “dentro” e “fora” para provocar a percepção em relação ao espaço e sujeito. Para essa proposta de reolhar, um labirinto de painéis coloridos e translúcidos de plástico - em ciano, magenta e amarelo



- são suspensos presos ao teto para formar um labirinto. Conforme a pessoa se movimenta no espaço os painéis se sobrepõem e criam novas cores a partir de sua transparência.

O processo de percepção é o foco da pesquisa, que faz investigações de questões cênicas a partir da relação com a arquitetura propondo um caminhar por um espaço labiríntico e colorido. O contato direto da obra com o cenário urbano onde está inserida junto com a interação indispensável do observador, torna a linha que os separa cada vez mais difusa fazendo com que a percepção da realidade seja desafiada, renegociada e reinterpretada.

### o sagrado é amor

Uma instalação que também nomeia uma exposição, feita por Ernesto Neto, de 21 de outubro a 2 de dezembro de 2017, na galeria Fortes D'Aloia & Gabriel em São Paulo. 'O sagrado é amor' vem discutir a importância e prioridade que damos as coisas e acontecimentos no cotidiano. Coloca o amor em movimento e troca ao desenvolver esculturas

---

**Instalação "o sagrado é amor"**  
em São Paulo.  
2017. Disponível em: <http://fdag.com.br/exposicoes/o-sagrado-e-amor/>  
Acesso em: 23 nov. 2018



vestíveis, que trazem também a discussão do que e quem é obra de arte e/ou artista.

"Para Neto, a manifestação do *sagrado* acontece em estados meditativos através de profunda relação com a natureza. Tanto o tecido que se entrelaça para formar a trama do crochê quanto as cores usadas pelo artista evocam esta relação". Para criar tal atmosfera Neto dispõe

de recursos sensitivos e sentimentais para cada obra e ambiente, como a manipulação das esculturas, fazendo de sua forma, textura, peso, confiança, dependência e interação em busca de equilíbrio parte do universo criado no térreo da galeria com as peças: *Recebo o Seu Amor*, *Enquanto Você Recebe o Meu*, *Entre o Céu e a Terra Estamos Nós (Iamaê)*, *Três Broto-Cantos* e *Uma Dança (Treveste)*.

No segundo andar da galeria, onde “*O Sagrado é Amor*” foi instalada, todos os sentidos são provocados. Ao ser recebido com o aroma de cravos e louro que preenchem a sala já ‘teletransportando’ para um outro lugar na memória afetiva, depois, o vermelho forte que preenche a sala e a estrutura: uma espécie de árvore em crochê que convida a todos a sentar ao seu redor e se reconectar, sentir o calor, perfume, relaxar e escutar seu silêncio em diálogo com o dos outros.

## espelho do céu

Anish Kapoor, artista plástico indiano criado em Londres, tem em sua linha de pesquisa e trabalho artístico o processo de transformação que acontece com a obra e seus espectadores dependendo do ângulo em que é visto.

“Sky Mirror” (“Espelho do céu”), é uma instalação que já passou por Londres, Nova Iorque e Mumbai. É constituída por um espelho côncavo de aço inoxidável que

---

**Instalação**  
**“espelho do céu”**  
. 2011. Disponível em: <https://www.designboom.com/art/anish-kapoor-unveils-sky-mirror-at-att-stadium-in-dallas-10-13-2013/>  
Acesso em: 23 nov. 2018





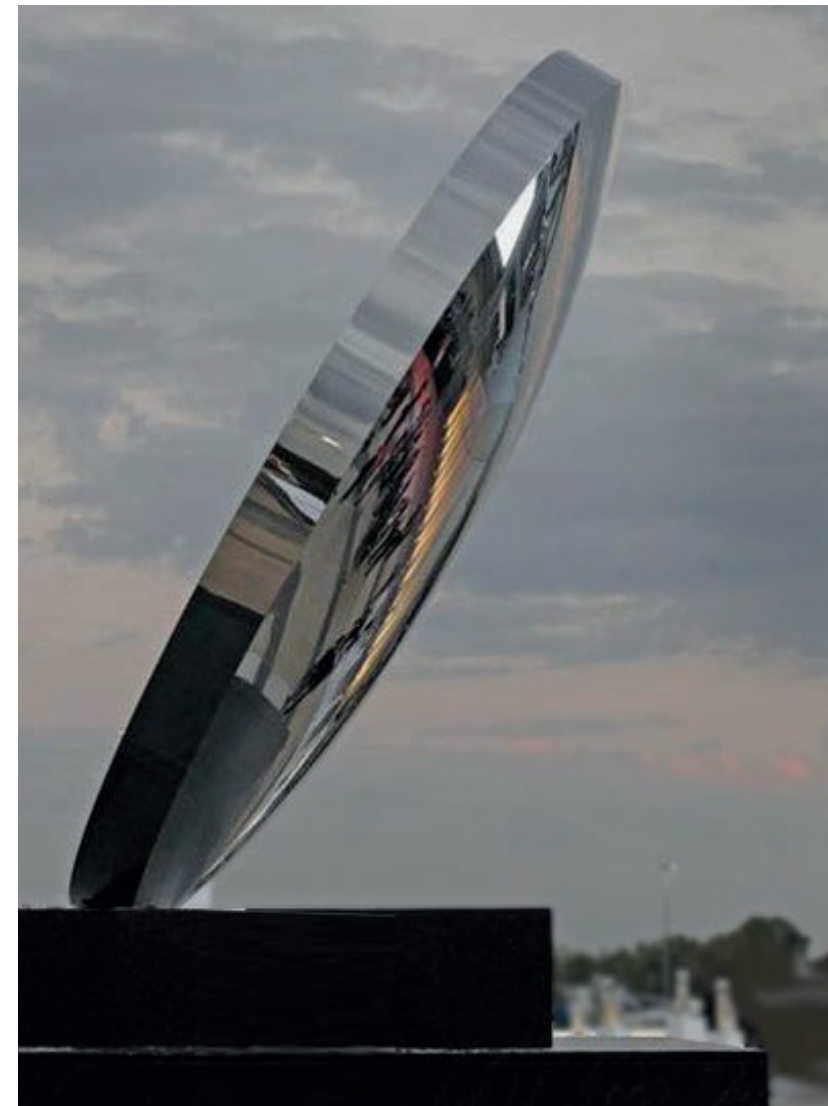
conduz os observadores a observarem nos ângulos da peça a possibilidade de várias experiências em busca de uma totalidade visual, refletindo o local onde está exposta, numa tentativa de trazer “o céu à terra”. O artista usa a óptica e as percepções do observador, como o reflexo que está presente em tudo o que o circunda, fundindo obra e local.

Kapoor não trabalha com a possibilidade de oferecer ao visitante uma peça puramente contemplativa e que só possa ser percebida de uma única forma. A grande escala dos projetos e a busca em transformar os materiais e suas funções, muda a natureza das coisas. Ele trabalha com a ideia de “objeto ausente” e faz com que a percepção das pessoas do lugar em que a obra foi instalada seja repensada e questionada.

---

**Instalação**  
**“espelho do céu”**

2011. Disponível em: <https://www.designboom.com/art/anish-kapoor-unveils-sky-mirror-at-att-stadium-in-dallas-10-13-2013/> Acesso em: 23 nov. 2018





**a motivação**

## **MOVIMENTE, um acontecimento nos outros. e em mim.**

O coletivo MOVIMENTE surgiu com objetivo de fazer com que as pessoas pudessem repensar o naturalizado (comum), e se sentissem autorizadas a reinventar formas de se apropriar do espaço público em Duque de Caxias. Criado em 2016 por alunos de arquitetura e urbanismo da UNIGRANRIO, o coletivo promove intervenções urbanas que instigam o passante a tomar consciência do espaço e a ser agente transformador do mesmo.

Discutir o direito à cidade, moradia, espaço, cultura e afeto são alguns dos temas trabalhados através das intervenções urbanas. Laços, elos e parcerias nascem na medida em que o coletivo se mostra e se espalha pela Baixada Fluminense em busca de seu propósito de movimentar mentes.

Aqui será narrada a primeira intervenção do MOVIMENTE: um parklet instalado em outubro de 2016, na Rua Professor José de Souza Herdy, em frente à universidade UNIGRANRIO. Por ser um coletivo do qual faço parte, trago as visões de [Jhocelyn Yazadora](#) e [Jesse Lacerda](#), integrantes



do coletivo, para, em diálogo, olhar a experiência. As entrevistas foram feitas por mim em 5 de outubro de 2018, dois anos após a intervenção.



## o que/como foi?

O primeiro (evento), que foi assim, o maior, a gente começou em julho de 2016. Quatro meses pra produzir e a primeira dificuldade foi em relação ao apoio da prefeitura, que acabou não rolando. Depois de muitas tentativas a gente decidiu ocupar a terra (risos) a vaga.

Ele (o parklet) veio com o objetivo de ficar um dia só, e ele ia ficar num período bem curto de horas. Se não me engano a primeira ideia era que ficasse 5 horas só. E seria no horário comercial. Só que... conforme a galera do coletivo ficava lá e ... na verdade, nesse primeiro dia ficou muita gente do coletivo, (esse não era o objetivo, os organizadores aproveitarem), mas acabou virando uma festa. Desse um dia, foi decidido na hora que a gente ia ficar por mais dias. Foi numa semana que teve feriado, a gente conseguiu ficar três dias nessa semana... Porque a galera foi pedindo, sabe?! Ninguém queria que aquilo ali acabasse. A gente tirou duas vagas pra ficar 30 pessoas e numa rotação absoluta. Toda hora vinha gente nova, gente esquisita, que queria só ficar lá, sem objetivo nenhum pra parar lá, e queria parar.

---

**Parklet**  
**instalado.** 2016.  
Arquivo coletivo  
Movimento



**Montagem.** 2016.  
Arquivo coletivo  
Movimente

### o que mais marcou?

Ah, a recepção do público. Uma coisa que aconteceu muito legal, que no último dia... no primeiro (dia) tinha, sei lá, 30 cabeças da organização, o material era muito pesado, mas no primeiro foi ok. No último já tinha, sei lá, cinco pessoas só, e pra carregar muito material numa distância muito gigante... o bagulho pesava 30 quilos... pra tu subir uma rua, cinco pessoas, um tapete, parecia que tinha um

corpo enrolado dentro dele (risos). A coisa mais foda, mais legal, foi que o bagulho foi tão bem recepcionado, tão importante, que teve pessoas que voltaram nos outros dias e, como a gente não tinha pessoas do coletivo pra fazer esse transporte, as pessoas (passantes) se disponibilizaram pra transportar. E aquilo fez diferença, bastante.

Tinha um espaço pra quem tava marcando hora, pra quem não tava em correria parar um pouquinho assim só pra descansar.

Minha experiência se deu em me dar conta da realidade do que é você concretizar um projeto. O processo de projeto em si não foi uma grande surpresa pra mim, mas concretizar ele, levar ele pra rua é que foi talvez a minha grande experiência. Que começou pela questão de conseguir juntar dinheiro. A gente tinha um primeiro projeto, esse primeiro projeto caiu por terra e a gente teve que inventar uma forma de fazer o parklet com o que dava pra fazer, e o que a gente tinha eram palets e caixotes. Ele teve que se adaptar pro que a gente podia. O dinheiro que a gente tinha foi com patrocinador e dinheiro de aluno que a gente foi arrecadando de pessoa em pessoa.

A concepção é muito empolgante, você tem um



monte de apoio, mas quando você vai começando a querer fazer mesmo, é tipo um funil. As pessoas vão diminuindo, diminuindo, diminuindo...

Foi uma experiência muito legal e muito exaustiva também. Como eu assumi um papel administrativo pra execução dessa intervenção, eu tive que lidar com questões financeiras e também administrar a execução do parklet. Ter uma experiência como líder e também como administrador de alguma coisa foi impactante.



---

**Apropriação.**  
2016. Arquivo  
coletivo  
Movimente

## o que você esperava e o que foi?

Foi absurdo! Eu esperava que a gente ia ter muita briga com motoristas que queriam estacionar na vaga e também com os flanelinhas que ganhavam dinheiro com essa vaga. Achei que a galera ia curtir, porque quem não quer um banquinho pra sentar? Na hora que batia sombra dava pra tirar um cochilo depois do almoço. Isso era minha expectativa: ia ser legal, mas ia durar um dia. Ele tomou uma proporção gigantesca! A galera quer matar aula só pra ficar lá, beber lá, ou tocar violão... gente que você nunca viu na sua vida vinha ficar contando história da família, do seu marido, ou como conheceu o amor da sua vida e vai casar. Nunca ia passar pela minha cabeça, e pela de ninguém que organizou, eu acho, que ia tomar a proporção que tomou.

Surpreendeu muito as minhas expectativas. Eu esperava que as pessoas fossem parar e se surpreender com alguma coisa diferente no percurso cotidiano delas, mas eu não esperava que elas fossem se conectar com aquilo tão individualmente. Eu acho que ali eu consegui ver realmente o quão carente nós somos de espaços públicos,

de um ambiente urbano mais humanizado.

Eu esperava apenas uma surpresa, algo diferente, mas não, as pessoas se conectaram tanto com a intervenção, instalação, que ficou mais de um dia.

Na desmontagem, porque a gente não podia deixar as coisas na rua, as próprias pessoas que não tinham nada a ver com o coletivo, que só tavam ali usando, elas tomaram um carinho tão grande por aquilo que elas ajudaram. Elas carregavam palet com a gente, ajudavam a guardar, ajudavam a gente a montar.

Foi um projeto que uniu muito as pessoas, e ele rompeu um pouco com o cotidiano mecânico e sistemático. Ele desconstruiu esse passeio, esse caminho diário. Foi uma descoberta: A cidade pode ser isso...

### **o que mais aconteceu, mudou, mexeu em você?**

Me deu uma perspectiva maior de como funciona, de como é trabalhoso, você ter mesmo que seja pequena intenção de propagar um certo bem pra alguém. Na perspectiva

---

**Apropriação.**  
2016. Arquivo  
coletivo  
Movimente



de projeto e intervenção urbana dentro de uma cidade. Dá muito trabalho, porque lidar com pessoas é muito trabalhoso e ai... mas eu acredito que se a tua intervenção tiver bem colocada espacialmente, no meio que você vai instalar, eu acho que é bem compensador. Todo o trabalho acaba valendo a pena. De certa forma tu chega até a aproveitar, sabe? Não é só trabalho, trabalho, trabalho...



quando tá pronto tu quer fazer parte também, acho que foi por isso que a galera curtiu no primeiro dia. Que deu mó trabalho, mas tava sendo tão legal assim, tão uma festa, tava tudo colorido, todo mundo animado ai a galera quis ficar lá. Porque se tiver bom mesmo você vai querer fazer parte.

O movimento me fez entender a importância da minha profissão. Desconstruiu muito na minha mente a capacidade e importância que um arquiteto tem dentro da sociedade, de como a arquitetura é transformadora. O arquiteto e urbanista talvez seja a profissão mais humana que tem, porque você lida com ser humano em todas as perspectivas dele. A gente consegue conectar o homem em todas as perspectivas antropológicas dele. O movimento é um transformador.

Observar a forma como uma pequena intervenção urbana efêmera, como um parklet, mobiliza as pessoas, sejam elas as organizadoras do evento ou passantes anônimos, e constatar a falta que sentem de espaços de qualidade, de permanência ao ar livre na cidade, faz com que a necessidade de vazios ativos seja uma das tantas questões evidenciadas.

A estranheza inicial de se ver e ter espaço na cidade e, a partir do diálogo, essa questão dar lugar à troca e construções de afetos, provoca um exercício de empatia instigado pela instalação. Isto me fez ver com clareza a potência transformadora e transgressora do efêmero. E querê-lo.



---

**Equipe**  
**MOVIMENTO** de  
2016. Arquivo  
coletivo Movimento





**caminhando para a transparência do vazio...**

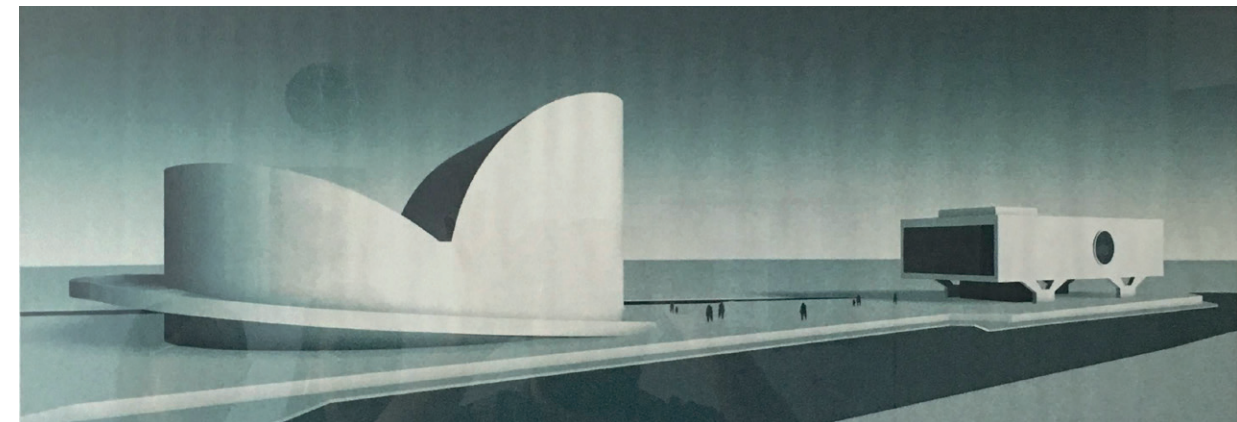
### o vazio da praça:

---

#### Modelo 3d do projeto.

Arquivo  
Biblioteca  
Municipal  
Governador  
Leonel de  
Moura  
Brizola.  
2018

A Praça do Pacificador em sua configuração de implantação, com o teatro numa extremidade e a biblioteca na outra, gera uma área livre central, resultado dos padrões modernistas. A escala e a cor do projeto o tornam ponto turístico e marco na paisagem. Mas o fato do projeto arquitetônico, (tanto de escala, como de implantação), ter desconsiderado o entorno existente, deu margem e continua a nutrir de sentido, o apelido de “elefante branco” que o Complexo Cultural Oscar Niemeyer recebeu da população.





---

**Praça do Pacificador em outubro de 2018.**  
Foto do autora.

Os traços do modernismo na criação de espaços vazios e áridos se refletem na praça, sendo esta a camada visível de um soterramento histórico. Françoise Choay contrapõe a lógica modernista ao valorizar na mesma proporção, tanto o espaço construído quanto o não-construído, afirmando que “somente quando o sistema construído deixa de ser para o indivíduo um referente, é que se produz a *passagem do lugar ao espaço*”

O espaço da praça se conforma e configura daquilo que resulta de processos de aterramentos e sobre-aterramentos, de reformas que destroem outras reformas, do movimento que ocupa e desocupa o espaço e as

pessoas, soterrando momentos, histórias e ecossistemas inteiros. Zonno (2014) traz a paisagem como: “ [...] o campo dos processos, o canteiro do real. Não é um modo de visão, nem imagem idealizada, é aquilo que nos afeta e envolve, mas também aquilo no qual participamos e modificamos”. Nessa perspectiva, observa-se que todas as camadas de mudanças, sejam elas agressões ao espaço, ou não, só aconteceram tantas vezes e tão profundamente pelo fato da praça ser um lugar de vitalidade urbana.

### **o vazio como espaço de memória:**

As camadas de mudança da Praça do Pacificador estarão no meu corpo? A pergunta me interpela no instante em que me dou conta de que, para mim, a Praça do Pacificador existe do modo como ela está sendo atualmente, desde sempre. E, de muitos modos, esta praça atravessa a trama das memórias que me constituem. Como na época em que fazia curso de teatro na biblioteca Leonel Brizola e, enquanto esperava, dormia naquelas almofadas grandonas,



entre livros e histórias; ou quando eu me apresentava com a minha escola de ballet no teatro Raul Cortez, e minha família ficava espalhada na praça olhando a ornamentação de Natal. Se na época em que eu estudava no Colégio Alfa, que fica em frente à praça, as janelas da minha sala não fossem pintadas e trancadas, a praça teria sido minha paisagem cotidiana por três anos seguidos. Porém, ainda que tenham permanecido trancadas aquelas janelas, não é outra a imagem que me atravessa os sentidos para compor as lembranças daquela experiência. É como se meu corpo tivesse tomado o cuidado de manter os sentidos em estado de abertura, apurados e sensíveis ao que se mostrava invisível.

### **a arte na função de acolher e revelar vazios:**

Como evidenciar tudo que o vazio abriga e tudo que só é possível ser por conta de sua existência? O desafio era construir uma instalação que revelasse a transparência do vazio. Que mostrasse às pessoas a sua necessidade e

importância. Muito me empenhei nessa busca, de modo que até a apresentação da pesquisa para a pré-banca existia um projeto de instalação: um caleidoscópio que refletiria em três camadas – sonora, visual e sensitiva – as informações sobre o espaço da Praça do Pacificador, reunidas por mim a partir de uma pesquisa feita com transeuntes que expressaram em mapas sensoriais as suas impressões acerca de sua relação com aquele espaço.

No entanto, de algum modo, eu pressentia que aquela forma ainda não expressava aquilo que a instalação desejava ser. E, embora não fosse simples chegar às questões estruturais e ao modo de expressá-las, a disponibilidade para a troca que envolveu tantos sujeitos, e todos tão generosos, me fez avançar para o acolhimento daquilo que ainda não estava no fluxo do tempo. Enquanto habitava o lugar de ainda não-saber o que a instalação queria ser, a ideia do caleidoscópio multiplicando as imagens dos objetos continuava muito viva em mim.

O caleidoscópio foi inventado pelo cientista escocês Sir David Brewster, no ano de 1817, na Inglaterra. O objeto inventado pelo cientista era um tubo com pequenos

pedaços de vidro colorido e três espelhos que formavam um ângulo de 45 a 60 graus entre si. Os fragmentos de vidro refletiam-se nos espelhos, cujos reflexos simétricos, provocados pela luz, criavam as coloridas imagens. (SILVA, 2014)

### **o vazio no inconsciente: a instalação por dentro de mim, e além:**

Sonhei com a casa da minha vó. O banheiro antigo e seu armário de três portas de espelhos, com as quais eu ficava brincando de encostar o rosto entre os espelhos das portas para fazer surgirem várias imagens de mim. Acordei ainda dentro do sonho e fui pesquisar. Descobri que o armário com seus espelhos que brincavam de fazer ângulos era um tipo de caleidoscópio, 'livro dos espelhos'; o que considerei simbólico e poético o suficiente para transformar na primeira parte da minha instalação.

O que refletir nos espelhos foi uma questão que surgiu também após a pré-banca, após ouvir a professora lazana dizer que daqueles mapas apresentados, o único

que fazia sentido era o mapa sensitivo. E uma conversa que tive com o artista Sergi, quando ele me disse que não fazia sentido levar para a praça o que já estava lá. E tantas conversas com a minha orientadora, que me questionava sobre as 'camadas de agressão' que a praça havia sofrido ao longo do tempo. Então compreendi que precisava mostrar o que preenchia a praça, mas não estava à vista: a sua memória disposta em camadas históricas. O antes, com o mangue, 1927, 1956, 1982 e o hoje.

Encontrei no nome do caleidoscópio 'livro dos espelhos' referência para organizar as placas como páginas de um livro. E na transparência e leveza de placas de acrílico, pude aplicar fotografias que representavam as camadas de memória da praça, numa sobreposição de cores transparentes que podiam remeter a tempos e sensações variados. Um pequeno palanque, propiciava o deslocamento do lugar comum para a dimensão outra da instalação. Nos espelhos criados a partir da aplicação de insulfilm nas placas de acrílico, surgia o reflexo da paisagem atual e os sujeitos como parte desta. Os mesmos espelhos também possibilitavam que a instalação se oferecesse num ângulo de 360°, pois quem estava do outro lado do espelho

podia enxergar e assistir quem estivesse experienciando a mesma.

### **o desafio de expor o vazio:**

A instalação foi projetada para ser construída num sistema de encaixe que conta com três partes: palanque (base), pedestal (estrutura) e painéis (registros do invisível).

O palanque foi construído em madeira, sendo 08 placas de compensado medindo 73X73cm e ripas de pinos fixadas com pregos e parafusos. Foi pintado com tinta acrílica nas cores cinza e rosa, e recebeu adesivos contendo, além de informações sobre a instalação, perguntas que desejavam provocar os participantes.

O pedestal foi confeccionado em duas peças de metalon, com espessura de 50X100mm, soldados paralelamente, medindo 200X20cm a peça final. O pedestal é disposto verticalmente e apoiado por outra peça de metalon, medindo 160X10, perpendicularmente. Esta estrutura foi pintada com tinta acrílica na cor cinza.

As seis molduras dos painéis foram construídas com cantoneiras de aço e pintadas com tinta acrílica na cor cinza. Os tamanhos variam: duas molduras medem 180X100cm, e das outras quatro, duas medem 150X100cm e as outras 90X100cm. A diferença de tamanhos cria, além do ritmo horizontal já esperado a partir do manuseio dos painéis, um ritmo vertical. Os painéis de acrílico, com medidas que correspondem às molduras, são fixados nas molduras com cola de silicone. Os quatro painéis menores recebem aplicação de adesivos transparentes com fotos que representam distintas temporalidades da praça. Os dois painéis maiores recebem aplicação de insulfilm. A fixação dos painéis no pedestal de deu a partir de gonzos.





**a transparência do vazio: uma instalação**



Há muito, muito tempo, um mangue: mais de seis metros abaixo do chão em que pisamos em 2018: lama, mar, caranguejos... A baía de Guanabara lambendo os pés do menino.





Em 1927, o início das obras para construir as primeiras estradas troncos do país: a Rio-Petrópolis passando por nós.



Em 1956, a praça abriga a estação rodoviária de Duque de Caxias: chegar, partir, se colocar em trânsito...





Início dos anos 80, estátuas que lembram a bica d'água de 1916 e Duque de Caxias, o pacificador; e o chafariz.

## Praça do Pacificador - 29/11/2018.

### as informações:

A transparência do vazio: uma instalação, se constitui em parte do projeto que Beatriz Martiniano apresenta como Trabalho de Conclusão do Curso de Arquitetura e Urbanismo na UNIGRANRIO que, em parceria com o Coletivo MOVIMENTO, deseja pensar sobre o vazio urbano público. O exercício será reolhar o espaço que hoje é a Praça do Pacificador de Duque de Caxias em suas camadas de memória: sendo mangue, sendo rodoviária, sendo fonte, sendo cheia, sendo vazia... sendo histórias. Se entregar a esta experiência e se perceber em outras possibilidades de instalação desse espaço - sendo outros. Ou deixando de ser. Também será importante observar que sentimentos se instalam naqueles que se permitem brincar com o vazio. Pensar, reolhar e experimentar o vazio de mãos e olhos dados com outras mãos e olhos, coletivamente: desenterrando memórias, desacostumando a perspectiva de enxergar, desnaturalizando sentires... Que pergunta está a sua espera? Permita que ela se instale em você!

## as provocações:

O que é o vazio?  
De quanto espaço o vazio precisa?  
Qual é a função do vazio na praça?  
O que será que o vazio pergunta?  
Onde estão as marcas do vazio na praça do Pacificador, hoje?  
Como o vazio contribui para a instalação dos afetos?  
O que o Vazio guarda?  
Qual é o impacto que o vazio instala?  
Como acordar as memórias da praça do Pacificador no tempo presente?

## a montagem:

Foi numa quinta-feira. Quando chegamos à praça devia ser 9 horas da manhã. A praça estava vazia, e logo o local da instalação estava decidido: bem em frente a abertura do palco externo do teatro Raul Cortez. Como o tamanho das peças exigia duas viagens de carro, levou um tempo pra montar a instalação. Mas tudo tinha sido preparado para ser

encaixado, então, com peças presentes e mãos solidárias, num instante a montagem estava concluída e o vazio instalado. E a instalação foi logo recebendo as boas vindas, tanto da equipe da biblioteca Leonel de Moura Brizola, quanto dos policiais da guarda municipal que lá estavam.

## as escolhas:

Com a intenção de que cada pessoa tivesse uma experiência única com a instalação, escolhi não intervir na relação de aproximação entre público e instalação. Deixei que a instalação conversasse com o espaço e com as pessoas, e fiquei observando como se dava a aproximação do público.

Conforme as pessoas passavam pela praça, era possível observar que a atração inicial que sentiam pela instalação se dava pela cor e pelo volume desconhecidos. Elas passavam olhando de rabo de olho ou entortando o pescoço pra conseguir ver e, na maioria das vezes, foi apenas esse olhar de soslaio o que existiu e se afirmou como interação com a transparência do vazio.

Somente quando a aproximação das pessoas acontecia de forma espontânea, eu me juntava a elas pra dizer que podiam, sim, subir e mexer à vontade. Dos que eram fisgados pela instalação, mesmo antes de saber no que consistia, pareciam estar dispostos ao que quer que fosse aquilo. Àqueles que perguntavam sobre a instalação, eu orientava sobre as legendas das fotos e sobre as informações que possibilitavam entender a proposta, e os conduzia pelas provocações dispostas aos seus pés. Mas as pessoas olhavam para o texto sem se mostrarem inclinadas a ler, e pediam pra que eu lhes explicasse.

Para minha surpresa, as pessoas analisaram as placas com muita atenção, uma a uma, fazendo comentários e comparações. O clímax da experiência era quando chegavam às placas-espelho e se viam no espaço. Nesse momento tudo que eu tinha dito sobre as camadas históricas e o espaço parecia fazer sentido dentro delas. Se ver no espaço e entender o seu próprio espaço naquele vazio tão criticado por eles, parecia causar um certo desequilíbrio em certezas estabelecidas. Acabei por conversar com quase todas as pessoas que interagiram com a instalação, e reparei que todos aqueles com os quais conversei tinham algum

envolvimento com o mundo das artes.

Escutei inúmeras histórias de outros tempos da praça do Pacificador e de acontecimentos que a envolviam. Como a senhora que, diante da painel amarelo, pareceu se transportar para as memórias daquela época, contando da dificuldade que era telefonar naquele tempo. Disse que na praça do chafariz havia muitos orelhões e ela andava sempre com muitas fichas na bolsa, porque era comum que os orelhões engolissem as fichas e a ligação fosse interrompida bem no meio da conversa. Outra pessoa compartilhou a lembrança do cinema Cine Paz, que existia onde hoje fica a loja C&A, de como as pessoas marcavam de se encontrar na praça pra ir ao cinema, e de como as filas davam voltas e se espalhavam pela praça quando o filme “Rambo” foi lançado.

Ao explicar o projeto, naturalmente se instaurou um ranking de preferência entre as épocas da praça do Pacificador. No entanto, o que pude observar é que daquelas pessoas que interagiram com as camadas de memória da praça, a maioria via suas próprias memórias acordadas, o que correspondia a eleger este tempo como o seu preferido.

No início da tarde um vento forte e momentâneo



fez com que uma das placas se soltasse do gonzo. E a camada rosa, 1927 com a memória do início das obras para construir as primeiras estradas troncos do país, acabou sendo retirada do caleidoscópio.

Mas foi o calor somado à aridez da praça quem decidiu o tempo da instalação naquele espaço. Por volta de 16h eu e os meus amigos do coletivo MOVIMENTO estávamos esturricados de tanto sol, as molduras das placas tinham alcançado uma temperatura desconfortável para. A instalação foi desmontada e logo o espaço que ela ocupava voltou a ser rota.

### as percepções:

Guto Requena traz a importância de se questionar o que se entende por – habitar - sendo casa ou cidade, e as transformações que esse ato sofreu e sofre com o passar o tempo:

Entender esse habitar na atualidade é fundamental para se analisar as transformações ocorridas no espaço físico da habitação e também para se vislumbrar futuros possíveis. O lar é um espaço de subjetividade, de intimidade e principalmente de memória. Ele produz um universo de sensações particulares e simbólicas, como descreve Lemos (2004, p. 121): O lar é o não-espaço da casa. Ritualizado e mítico, o lar é a alma da casa e o paraíso de nossa individualidade privada. (...) O lar caracteriza-se por ser um espaço imaginário, simbólico; um conjunto de práticas concretas e rituais imaginários que fazem de minha casa algo sem igual. (REQUENA, 2004, p.33)

Durante a instalação da transparência do vazio, era evidenciada a questão do habitar como algo subjetivo e simbólico. A apropriação emocional da cidade se dá quando a memória tem espaço pra ocupar a cidade. Desaterrar as memórias para que elas possam ajudar a desacostumar o olhar e desnaturalizar absurdos, *incomodando* as pessoas, deslocando e acolhendo afetos.

O mapa sensitivo proposto no início do processo de formulação da instalação voltou a aparecer. Dessa vez em

forma viva e experienciada. Vi as sensações acontecerem e tomarem forma e proporção física no espaço, como o calor instaurado e intensificado pela ausência de árvores, o sentimento de insegurança ao olharem em todas as direções antes de pegar o celular pra tirarem fotos da instalação, o amor com o teatro e a biblioteca, a indiferença com o espaço e o que o habita, as queixas pela 'feitura' da praça e do seu entorno... Tudo isso foi acordado pela instalação, que movimentou lugares que não são tidos como lugares de atenção nas pessoas. Que ativar as memórias é uma forma de movimentar afetos, mentes, desejos, "sem dúvida, é preciso ir ao fundo do devaneio para se comover diante do grande museu das coisas insignificantes" (BACHELARD, 1957. p. 448).



**Mapa sensitivo  
produzido  
durante a  
pesquisa.**

■ = calor  
● = árvores  
♥ = biblioteca e teatro  
MEDO = de avião, principalmente.

No campo do intangível, é difícil não se perguntar porquê de tantas pessoas olharem na direção de algo que lhes entortam o corpo e o prumo, e mesmo assim, não irem ao encontro de sua curiosidade. Em algumas feições pude pressentir que não se aproximavam por não se sentirem autorizadas ou pertencentes àquilo. Noutras, o receio ao inesperado parecia se mostrar maior do que a vontade. Ou talvez tenham seguido por falta de tempo para interagir com o imponderável. Muitas pareciam não se aproximar pelo simples receio de chegar mais perto sem ser convidado. Inclusive, resistir ao ato de convidá-las foi uma das escolhas mais difíceis. Se insisti nesta decisão foi por acreditar que cada gesto de espontaneidade do público poderia revelar sua relação com o vazio daquele espaço. E nesse sentido, o alcance da instalação ultrapassava o seu corpo, o toque, a visão. A simples presença de um descostume naquele espaço já podia ser muito revelador.



**a instalação no enquanto:**  
registro fotográfico da transparência no vazio

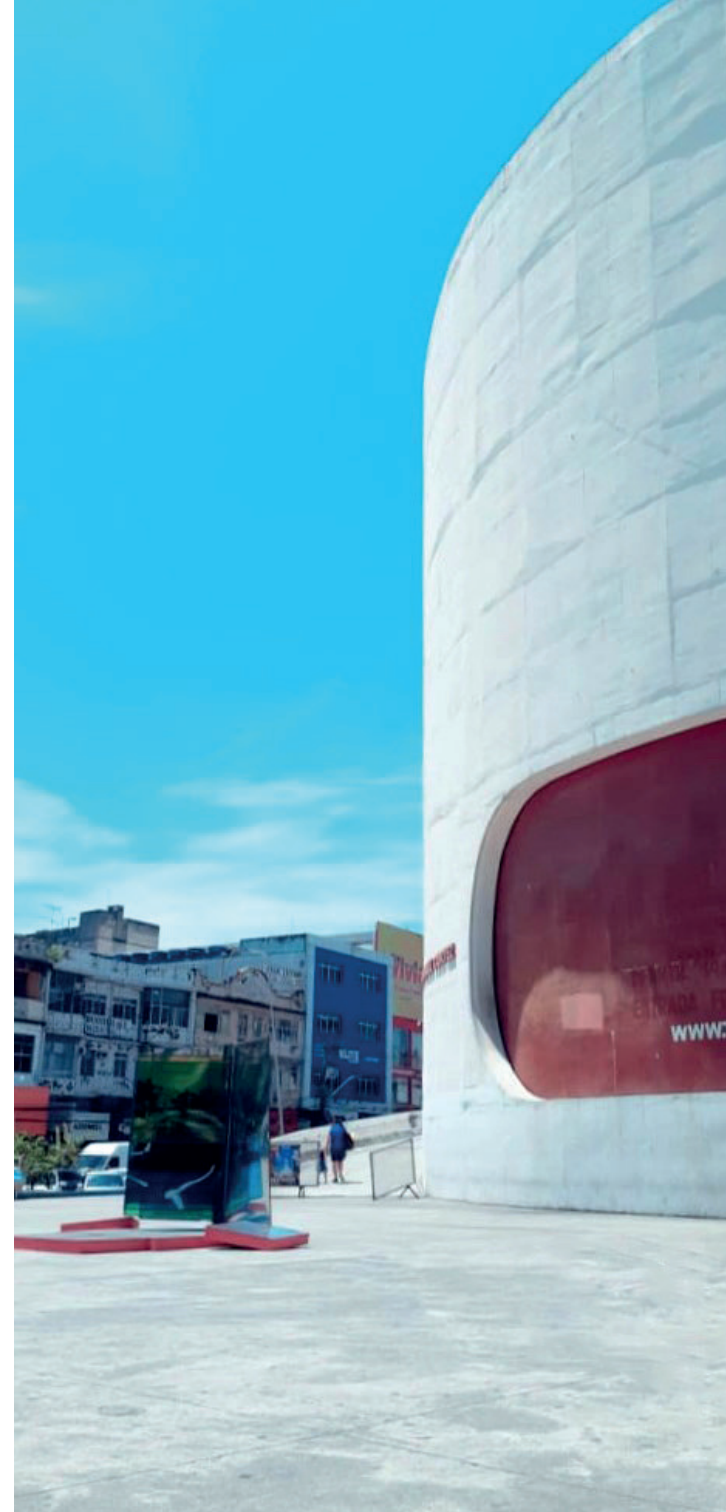












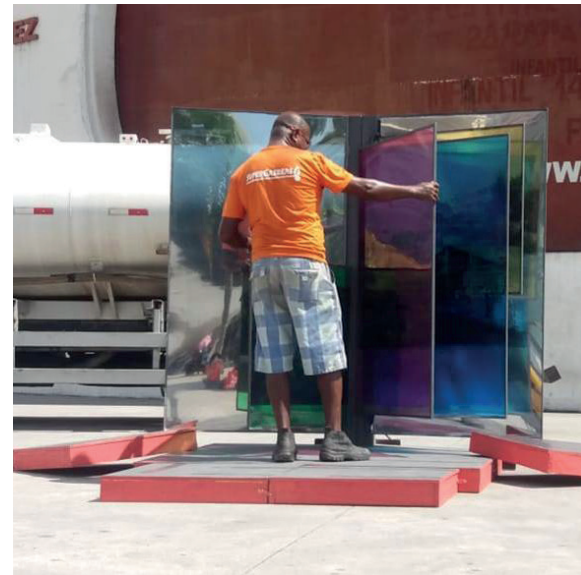
















**considerações finais**

### para além da confirmação do vazio

Ao propor um estudo sobre o vazio público urbano eu tinha como intenção aprofundar o meu olhar sobre o tema e, de alguma forma, confirmar o que era uma sensação muito forte sobre o espaço que o vazio público urbano precisa para conter, guardar, espalhar, respirar e dar fôlego à cidade e aos seus habitantes. Mas algo inusitado me aconteceu com a experiência da instalação: não me ocorreu que eu pudesse me sentir demasiadamente preenchida e ocupada pela experiência, a ponto de encontrar muita dificuldade em expressar os desdobramentos e o alcance desta. Na limitação da expressão, me deparei com o tempo como um importante elemento a ser considerado nos processos de esvaziamento psíquico ou na elaboração das experiências. O vazio precisa de espaço e de tempo para se instalar. É Bachelard (1974) quem lembra que “o espaço habitado transcende o espaço geométrico”. Em mim experimento o sentimento da praça: a necessidade de vazio, de respiração profunda, de suspiro.

Na cidade, a Praça Pacificador é um espaço público urbano onde as pessoas transitam. Pelas beiras, pelo que sobrou da ocupação desproporcional dos prédios que abrigam a biblioteca e o teatro. Lembro de ter ouvido que o principal argumento pra que o teatro fosse construído ali e tivesse um palco externo, era justamente pelo fato de ser local de travessia de tantas pessoas. Sendo rota, caminho, elas poderiam parar para assistir um espetáculo desavisadamente. Aquilo que a instalação possibilitou enxergar aponta para a necessidade de uma política pública de arquitetura e urbanismo que considere a importância de espaços vazios para acolher os sujeitos com as suas necessidades e sensações. Um lugar onde o tempo possa ficar suspenso, onde tenha árvores e frescor, que tenha onde sentar, que se possa marcar encontros, conversar, construir memórias. A lógica de um teatro e de biblioteca que estejam no caminho pra surpreender, pode estar contribuindo para uma cultura da pressa, do despertencimento, do desconforto, do medo. Não pude observar a presença de leitores na instalação. E, na medida em que o vazio da praça foi ocupado pela arquitetura modernista, as memórias daquele espaço parecem ter se

restringido, em muito, ao espaço do teatro, especialmente nos finais de ano para assistir apresentações escolares de familiares e a travessia, sempre ligeira e torta, como parece ser a forma que se pensa a presença desta população em espaços de cultura.





**referências bibliográficas**

ALBAN. Pedro. **Construções em reverso: o vazio como projeto**. 2015. Disponível em: <<https://caosplanejado.com/construcoes-em-reverso-o-vazio-como-projeto/>> Acesso em: 12 out.2018

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BARATTO, Romulo. **Estudio Guto Requena convida as pessoas a compartilharem suas histórias na instalação “Me conta um segredo?”**. nov. 2016. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/800190/estudio-guto-requena-convida-as-pessoas-a-compartilharem-suas-historias-na-instalacao-me-conta-um-segredo>> Acesso em: 6 abr. 2018

BICCA. Paulo. **Arquiteturas do vazio**. 2017. 201.02 teoria ano 17, fev. 2017. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/17.201/6432>> Acesso em: 8 set. 2018

DIAS. Flor. **ANISH KAPOOR**. 2009. Disponível em: <[http://escultura2.com/?page\\_id=499](http://escultura2.com/?page_id=499)> Acesso em: 23 nov. 2018

FONTES. Adriana Sasão. **Intervenções temporárias e marcas permanentes na cidade contemporânea**. Arquiteturarevista. 2012. Vol. 8, n. 1, p. 31-48, jan/jun 2012

\_\_\_\_\_. **Amabilidade urbana: marcas das intervenções temporárias na cidade contemporânea**. URBS.Revista de Estudios Urbanos y Ciencias Sociales. Volume n 2, número 1, páginas 69-93–Papers–ISSN: 2014

Fortes D’Aloia & Gabriel. **Ernesto Neto, O Sagrado é Amor**. 2017. Disponível em: <<http://fdag.com.br/exposicoes/o-sagrado-e-amor/>> Acesso em: 23 nov. 2018

HONÓRIO. Rodrigo. **Os espaços vazios na arquitetura**. 2015. Disponível em: <<http://novasteoriash3.blogspot.com/2015/05/os-espacos-vazios-na-arquitetura-aluno.html>> Acesso em: 17 nov. 2018

**Intervenções Temporárias no Rio de Janeiro.** out. 2018. Disponível em: <[http://intervencoestemporarias.com.br/blog/fbclid=IwAR19ZAqC2yZyfnTCiü9pmWMOYbZL\\_QOpaYYMqX4XZUg5d8z5sR6Dj1MSs](http://intervencoestemporarias.com.br/blog/fbclid=IwAR19ZAqC2yZyfnTCiü9pmWMOYbZL_QOpaYYMqX4XZUg5d8z5sR6Dj1MSs)> Acesso em: 25 out. 2018 LOBATO. Eliane. **Os espelhos mágicos de Kapoor:** O artista indiano Anish Kapoor abre mostra no Rio de Janeiro com obras gigantescas que desafiam o olhar.

LUXIMOS. **Porto recebe primeira exposição de Anish Kapoor, mestre da arte contemporânea.** 2018. Disponível em: <<https://www.luximos.pt/pt/comunicacao/sublime-blog/2018/09/14/porto-recebe-primeira-exposicao-de-anish-kapoor-mestre-da-arte-contemporanea>> Acesso em: 23 nov. 2018

MARQUES. Alexandre dos Santos e ALMEIDA. Tania Maria da Silva Amaro. **Conjunto da Praça do Pacificador.** 2012. Disponível em: <<http://amigosinstitutohistoricodc.com.br/?p=146>> Acesso em: 8 set. 2018

MARTINS, Simone R. IMBROISI, Margaret H. **Impressionismo.** Disponível em: <<https://www.historiadasartes.com/nomundo/arte-seculo-20/instalacao/>> Acesso em: 20 nov. 2018

ORCHARD. Karin. **Kurt Schwitters:** Reconstructions of the Merzbau. 2007. Disponível em: <<https://www.tate.org.uk/research/publications/tate-papers/08/kurt-schwitters-reconstructions-of-the-merzbau>> Acesso em: 26 nov. 2018

**Olafur Eliasson Reality machines.** 2015. Disponível em: <<https://arkdes.se/en/utställning/olafur-eliasson-verklighetsmaskiner/>> Acesso em: 23 nov. 2018

**Olafur Eliasson: Seu corpo da obra.** 2011. Disponível em: <<https://pinacoteca.org.br/programacao/olafur-eliasson-seu-corpo-da-obra/>> Acesso em: 23 nov. 2018

**Os Espelhos Mágicos de Kapoor.** 2006. Disponível em: <[https://istoe.com.br/6151\\_OS+ESPELHOS+MAGICOS+DE+KAPOOR/](https://istoe.com.br/6151_OS+ESPELHOS+MAGICOS+DE+KAPOOR/)> Acesso em: 23 nov. 2018



REQUENA. Guto. **Página inicial**. 2017. Disponível em: <<https://gutorequena.com/new-page/>> Acesso em: 23 nov. 2018

\_\_\_\_\_. **Habitar híbrido**: interatividade e experiência na era da cibercultura. Dissertação, USP, São Carlos, 2007

**Seu corpo da obra**. 2011. Disponível em: <<https://olafureliasson.net/archive/artwork/WEK107097/seu-corpo-da-obra-your-body-of-work>> Acesso em: 23 nov. 2018

SILVA. Débora. **Caleidoscópio**. 2014. Disponível em: <<http://www.estudopratico.com.br/caleidoscopio/>> Acesso em: 17 set. 2018

**Vazio**. Disponível em: <[HTTPS://WWW.DICIO.COM.BR/VAZIO](https://www.dicio.com.br/vazio)> Acesso em: 8 maio 2018

VIANA. Gabriel. **Afinal, o que é Instalação Artística?**. 2012. Disponível em: <<https://semmoldura.wordpress.com/2012/08/21/afinal-o-que-e-instalacao-artistica/>> Acesso em: 20 nov. 2018

WIKIPÉDIA. **Hélio Oiticica**. 2018. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/H%C3%A9lio\\_Oiticica](https://pt.wikipedia.org/wiki/H%C3%A9lio_Oiticica)> Acesso em: 26 nov. 2018

WIKIPÉDIA. **Kurt Schwitters**. 2018. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Kurt\\_Schwitters](https://pt.wikipedia.org/wiki/Kurt_Schwitters)> Acesso em: 26 nov. 2018

ZONNO, Fabiola do Valle. **Lugares complexos, poéticas da complexidade**: entre arquitetura, arte e paisagem. 1. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2014.

Todas as bases dos mapas foram retiradas da "ArcGIS".

